

FACULDADE DE MINAS - FACUMINAS

NELDJAN FARIAS RODRIGUES DE LIMA

**ATOS DOS APÓSTOLOS: A HISTÓRIA NÃO CONTADA PELA
TRADIÇÃO**

**Coronel Fabriciano - MG
2025**

FACULDADE DE MINAS - FACUMINAS

ATOS DOS APÓSTOLOS: A HISTÓRIA NÃO CONTADA PELA TRADIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Minas - FACUMINAS, localizada em Coronel Fabriciano - Mg, como requisito para obtenção do diploma do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Teologia.

**Coronel Fabriciano – MG
2025**

Rodrigues de Lima, Neldjan Farias.

Atos dos Apóstolos: a história não contada pela tradição /
Neldjan Farias Rodrigues de Lima.-- Coronel Fabriciano, 2025.
32.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós Graduação) –
Faculdade de Minas-FACUMINAS, 2025

1. Contexto original. 2. Judaísmo. 3. Nazarenos. 4. Atos dos
Apóstolos. I. Faculdade de Minas-FACUMINAS.

CDD: 226

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar o livro de Atos dos Apóstolos (Atos) buscando compreender o texto Bíblico a partir de seu contexto original examinando as obras dos Apóstolos e de toda a comunidade dos discípulos de Jesus de Nazaré. A metodologia empregada fundamenta-se na crítica textual e nas regras de hermenêutica, buscando o contexto original. Esse estudo não considera a fé de qualquer segmento religioso, porém parte da premissa de que o texto Bíblico é um fato histórico. Ao aplicar essa metodologia o leitor concluirá que, se o conteúdo Bíblico for interpretado utilizando apenas as regras textuais da hermenêutica, na busca da verdadeira intenção do autor Bíblico, tendo conhecimento do contexto histórico no qual o livro foi escrito, sem envolver a fé em alguma religião, o entendimento será muito diferente da tradição da religião Cristã que utiliza Jesus e os Apóstolos como os fundadores do Cristianismo. Essa análise concederá o entendimento de que os Apóstolos e demais Judeus seguidores de Jesus permaneceram no Judaísmo. Até os Gentios (não judeus) que se chegaram a Jesus e foram chamados posteriormente de Cristãos, na cidade de Antioquia, não devem ser considerados membros de uma nova fé porque seguiam a mesma religião dos Gentios dos dias de Moisés conhecida na tradição Judaica como Bnei Noach. Baseado nisso infere-se que a religião Cristã tem sua criação muito posterior ao ministério dos Apóstolos.

PALAVRAS CHAVE: Contexto original; Judaísmo; Nazarenos; Atos dos Apóstolos.

ABSTRACT

This work's primary objective is to analyze the Book of Acts of the Apostles (Acts) to understand the Biblical text from its original context, examining the actions of the Apostles and the entire community of Jesus of Nazareth's disciples. The methodology employed is based on textual criticism and hermeneutical rules, seeking to uncover the original context. This study does not consider the faith of any religious segment; instead, it operates from the premise that the Biblical text represents a historical fact. By applying this methodology, the reader will conclude that if the Biblical content is interpreted using only the textual rules of hermeneutics—in search of the true intent of the Biblical author, with knowledge of the historical context in which the book was written, and without involving faith in any religion—the understanding will be very different from the tradition of the Christian religion, which uses Jesus and the Apostles as the founders of Christianity. This analysis will provide the understanding that the Apostles and other Jewish followers of Jesus remained within Judaism. Even the Gentiles (non-Jews) who came to Jesus and were later called Christians in the city of Antioch should not be considered members of a new faith, as they followed the same religion as the Gentiles of Moses's time, known in Jewish tradition as Bnei Noach. Based on this, it can be inferred that the Christian religion was created much later than the ministry of the Apostles.

KEYWORDS: Original context; Judaism; Nazarenes; Acts of the Apostles.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Bíblia Hebraica - Tanakh

Gênesis: Gn
Êxodo: Ex
Levítico: Lv
Números: Nm
Deuteronômio: Dt
Josué: Js
Juízes: Jz
1º Samuel: 1Sm
2º Samuel: 2Sm
1º Reis: 1Rs
2º Reis: 2Rs
Isaías: Is
Jeremias: Jr
Ezequiel: Ez
Oséias: Os
Joel: Jl
Amós: Am
Obadias: Ob
Jonas: Jn
Miqueias: Mq
Naum: Na
Habacuque: Hc
Sofonias: Sf
Ageu: Ag
Zacarias: Zc
Malaquias: Ml
Salmos: Sl
Provérbios: Pv
Jó: Jó
Cântico dos Cânticos: Ct
Rute: Rt
Lamentações: Lm
Eclesiastes: Ec
Ester: Et
Daniel: Dn
Esdras: Ed
Neemias: Ne
1º Crônicas: 1Cr
2º Crônicas: 2Cr

Escritos dos Apóstolos

Mateus: Mt
Marcos: Mc
Lucas: Lc
João: Jo
Atos: At
Romanos: Rm
1ª Coríntios: 1Co
2ª Coríntios: 2Co
Gálatas: Gl
Efésios: Ef
Filipenses: Fp
Colossenses: Cl
1ª Tessalonicenses: 1Ts
2ª Tessalonicenses: 2Ts
1ª Timóteo: 1Tm
2ª Timóteo: 2Tm
Tito: Tt
Filemom: Fm
Hebreus: Hb
Tiago: Tg
1ª Pedro: 1Pe
2ª Pedro: 2Pe
1ª João: 1Jo
2ª João: 2Jo
3ª João: 3Jo
Judas: Jd
Apocalipse: Ap

Versões de Bíblias

King James Atualizada: KJA
Almeida Corrigida e Fiel: ACF
Almeida Revista e Atualizada: ARA
Almeida Revista e Corrigida: ARC
Nova Almeida Atualizada: NAA

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. A DOUTRINA DOS APÓSTOLOS	9
3. A IGREJA DOS NAZARENOS	12
4. OS GENTIOS E OS NAZARENOS	13
5. AS DUAS ALIANÇAS	15
6. OS CRISTÃOS.....	18
7. A SEITA DOS NAZARENOS	21
8. SAULO DE TARSO	23
9. METODOLOGIA.....	29
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos a leitura do compêndio de livros conhecidos majoritariamente como novo testamento, seguindo a ordem da organização estabelecida pelos Cristãos, começamos pelos quatro evangelhos que relatam um pouco da vida e ministério de Jesus de Nazaré. É possível ver os seus ensinamentos, as orientações para os seus alunos (discípulos), sua defesa incansável pela doutrina que propagava, as suas profecias, sua morte, ressurreição e últimas orientações aos seus discípulos antes da sua subida aos céus.

Após os quatro evangelhos, seguindo a sequência do cânon, chegamos no livro intitulado como Atos dos Apóstolos, ou simplesmente Atos, e o estudo desse livro será o tema central deste trabalho. Apóstolos foi o nome dado aos principais discípulos de Jesus de Nazaré (Lc 6:13). O termo Apóstolo significa aquele que foi enviado, nesse contexto, enviados para ensinar sobre a mensagem aprendida (Lc 11:49 citando 2Cr 36:15-16). A análise do contexto original do texto Bíblico constituiu o foco central deste trabalho. Adler e van Doren 2010 afirmam que para ocorrer uma perfeita comunicação entre o autor e o leitor é necessário que ambos utilizem o mesmo significado nas palavras utilizadas no texto e quando isso ocorre é como se houvesse um contrato entre o autor e leitor seguindo os mesmos termos que foram mutuamente acordados. Duas mentes em um único pensamento.

Os termos só ocorrem durante o processo de comunicação. Eles ocorrem quando um escritor tenta evitar ambiguidades e o leitor o ajuda buscando seguir o uso que o autor deu às palavras. Há, evidentemente, diversos graus de sucesso nessa empreitada e entrar em acordo é o ideal ao qual escritor e leitor devem almejar. Dado que essa é uma das realizações principais da arte de escrever e ler (Adler e van Doren, 2010, p. 112).

Com base nisso, a interpretação do livro de Atos deve buscar o significado pretendido pelo autor, aplicando as regras hermenêuticas para validar as conclusões, excluindo elucidações incoerentes.

Uma vez que a língua é um meio imperfeito para transmitir conhecimento, ela também funciona como obstáculo para a

comunicação. As regras de leitura interpretativa servem justamente para superar esse obstáculo. O mínimo que podemos esperar do escritor é que ele se esforce ao máximo para superar a barreira que a língua inevitavelmente representa, mas jamais devemos esperar que o autor faça tudo sozinho. Precisamos encontrá-la no meio do caminho. Nós leitores, temos de cavar o túnel a partir do nosso lado, na esperança de encontrar o túnel aberto pelo autor do lado dele, no meio do trajeto. A probabilidade de que as mentes se encontrem por meio da linguagem depende da vontade de leitor e autor trabalharem juntos (Adler e van Doren, 2010, p. 114).

Diante disso, é necessário desconsiderar as interpretações do livro de Bíblico que se desviam do contexto original tornando-se ilógicas, contraditórias e consequentemente impossíveis.

O início do livro dos Atos faz uma breve ligação com o final do que se encontra registrado nos evangelhos e inicia o ministério dos apóstolos que, segundo o relato escrito, seguem exatamente as ordens do seu mestre, Jesus o Nazareno, ensinando fielmente a doutrina que aprenderam, mesmo que a defesa por esse ensinamento pudesse lhes custar a própria vida (Mt 24:9, Mc 13:9). Ao termos o relato bíblico escrito, logo após os discípulos receberem a promessa de um revestimento de poder (At 1:4,5) que viria sobre eles em Jerusalém, podemos perceber que o pensamento dos apóstolos não era o de romper com a religião dos seus pais, mas de restaurá-la na sua forma mais plena. Vejamos o que está escrito:

“Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (At 1:6, ARC, 1995).

O entendimento de que o reino de Israel seria restaurado como uma das funções do Messias prometido é um dos principais ensinamentos do Judaísmo como constam nas profecias (Is 1:26; Dn 7:27; Am 9:11) e a pergunta dos Apóstolos comprova a crença deles na restauração, não apenas do reino civil de Israel, mas da religião Judaica em seu pleno funcionamento, conforme profecias, em um tempo de paz, com o messias sentado no trono de David, abençoando a todas as famílias da terra (Is 11:6-9; Is 2:4). Em At 1:7 Jesus confirma a crença dos apóstolos, no entanto, não especifica o momento preciso em que a profecia se cumprirá. “E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder” (At 1:7, ARC, 1995). Jesus ratifica afirmado que esse tempo foi determinado pelo próprio ETERNO Deus, chamado no texto de Pai. Nos próximos capítulos desse

trabalho veremos que nenhuma mudança foi feita na religião judaica que era seguida pelos apóstolos em relação aos profetas.

2. A DOUTRINA DOS APÓSTOLOS

O segundo capítulo do livro de Atos introduz um tema relevante para o presente estudo. Kefa, também chamado de Pedro, inicia o seu ensino como apóstolo após a partida de Jesus através de um discurso que tem o seu início em At 2:14 onde ele tenta fundamentar todos os fatos recentemente ocorridos com as profecias bases do judaísmo, tendo como principal objetivo afirmar que o Jesus de Nazaré foi morto e ressuscitou conforme afirma a doutrina judaica acerca do Messias registrado nas profecias e que, consequentemente, esse mesmo Jesus é esse Messias prometido. Este tema é chamado na Bíblia como a doutrina dos apóstolos. Vejamos:

De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e, naquele dia, agregaram-se quase três mil almas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partilhar do pão, e nas orações (At 2:41,42, ARC, 1995).

Quase três mil ouvintes acreditaram na fundamentação de Kefa, ou seja: começaram a crer que Jesus de Nazaré é o Messias prometido pela religião judaica. Em At 5:28 o sumo sacerdote comenta sobre a doutrina dos apóstolos. Vejamos: “Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que encheistes Jerusalém dessa vossa doutrina e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem” (At 5:28, ARC, 1995).

Esse trecho traz mais informações sobre o que era a doutrina ensinada pelos Apóstolos e das suas afirmações de que Jesus de Nazaré foi condenado injustamente à morte por vontade dos líderes do templo. Ainda não se tem nenhum indício que aponte para um caminho inédito, ou uma nova fé com novos paradigmas, apenas a vivência única do judaísmo dos profetas. A análise prossegue em Atos 6:8-14, que narra os eventos em torno de Estêvão.

E levantaram-se alguns que *eram* da sinagoga chamada dos Libertos, e dos cireneus, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão. E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava. Então, subornaram uns homens para que dissessem: Ouvimos-lhe proferir palavras blasfemas contra Moisés e *contra* Deus. E excitaram o povo, os anciãos e os escribas; e, investindo com ele, o arrebataram e o levaram ao conselho. Apresentaram falsas testemunhas, que diziam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei; porque nós lhe ouvimos dizer que esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu (At 6:9-14, ARC, 1995).

O texto fala que não podiam resistir à sabedoria de Estêvão em um debate, então pagaram pessoas para testemunharem falsamente contra Estêvão em um julgamento pelo Sinédrio. Estêvão conduzia o debate dentro das regras do Judaísmo e mesmo assim deixava os seus oponentes, que acreditavam ser os guardiões da fé Judaica, sem respostas. Seria muito simples para os oponentes de Estêvão relatarem que aquela doutrina não fazia parte do judaísmo, mas eles não podiam ter esse argumento porque Estevão falava exatamente dentro do Judaísmo. Não era uma nova religião, mas a mesma religião sendo comprovada com argumentos que não foram possíveis refutar. Por orgulho, os inimigos de Estêvão pagaram pessoas para mentirem e o executaram por essas mentiras.

É muito importante compreender o contexto da Lei de Moisés, chamada no contexto original de Torá, pois o judaísmo não é proselitista em sua essência. Isso significa que o judaísmo não tem intenção em converter novos membros à religião nem tem o poder de interferir na religião alheia. A oposição a Estêvão por parte desses líderes Judaicos demonstra que eles o reconheciam como membro da mesma fé, pois a disputa se dava dentro do mesmo contexto religioso, o que legitima o debate. A validade desse argumento é reforçada pelo julgamento de Estêvão ocorrer segundo as normas da Torá. Seria muito simples para a defesa de Estevão afirmar que ele não estava sujeito às regras da Torá (Judaísmo) mas que pertencia a uma nova religião composta por novas regras das quais ele não infringiu nenhuma.

Em At 7:1-50, Estêvão começa a argumentar afirmando apenas pontos do Judaísmo que ratificam a sua doutrina. A partir do verso 51 ele começa a fazer crítica aos líderes baseado no que tinha falado nos versos anteriores. Em At 7:53 chega ao ápice da crítica quando Estevão disse que esses não guardavam a Torá que diziam defender. Após isso, o texto relata que Estevão foi apedrejado. Nesse momento

aparece uma das figuras mais importantes do livro de Atos, a saber Saulo de Tarso, pois sobre ele se faz uma das maiores narrativas do livro. Saulo, na época de Estêvão, era um dos que acreditavam que Jesus, o Nazareno, não era o Messias prometido e que tudo aquilo era uma grande mentira contada pelos Nazarenos (judeus discípulos de Jesus), por isso concordou, naquele tempo, com a morte de Estêvão (At 8:1). Saulo posteriormente tem um encontro com o próprio Jesus e muda totalmente a sua posição de ser contrário ao Nazareno para se tornar um de seus fiéis seguidores. O capítulo 8 deste trabalho aprofunda o estudo da figura de Saulo dentro do contexto do livro de Atos.

Seguindo o mesmo tema, At 18:24-28 fala que um judeu chamado Apolo seguia essa mesma doutrina dos apóstolos, estando dentro do judaísmo, vivendo-o plenamente e ensinando que o messias prometido nas escrituras era Jesus, o Nazareno. Saulo de Tarso em diversos momentos revela essa doutrina dos apóstolos. Em At 23:6 e At 24:21, O livro de Atos registra o momento da prisão de Saulo, as acusações que foram feitas contra ele e também a sua linha de defesa. A análise do conteúdo do livro Bíblico demonstra que o motivo da sua prisão é justamente a doutrina dos apóstolos, que nada mais é do que a crença que Jesus ressuscitou dentre os mortos provando àqueles a quem ele apareceu, através de vários fatos ratificados pela sua ressureição, de que é o grande messias de Israel profetizado através das escrituras sagradas do Judaísmo. Saulo em todo momento afirma que não está falando nenhuma doutrina nova, mas afirmado exatamente o que Moisés e os profetas disseram (At 26:22,23), ou seja: puramente o Judaísmo.

Afirmar que Jesus é o messias prometido nas escrituras judaicas foi a vertente chamada pelo texto de doutrina dos apóstolos (At 28:23). Faz-se necessário contextualizar que o texto ainda não fez nenhuma menção a uma nova religião que seria diferente daquela que existia. O relato apenas confirma que as profecias do judaísmo estão se cumprindo com o objetivo de fortalecer ainda mais a religião dos patriarcas do povo judeu. Uma das provas desse fato vem nos próximos versos que comprovam que os apóstolos permaneciam assíduos no templo da religião judaica tendo cada dia mais judeus crendo que Jesus é o Messias prometido na Lei e nos profetas.

3. A IGREJA DOS NAZARENOS

A análise a seguir examina as nuances semânticas da palavra igreja. A passagem de Atos 2:46-47, por exemplo, oferece um importante ponto de partida:

E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar (At 2:46,47, ARC, 1995).

Nesse contexto a palavra igreja não significava uma construção (um estabelecimento, prédio) já que eles mantinham o serviço religioso conforme o rito das regras do judaísmo no templo de Jerusalém e também não designa ainda o sentido de ser um grupo de pessoas formando uma nova religião, pois as doutrinas dos apóstolos permaneciam, segundo os textos, inteiramente no coração do Judaísmo. Qual seria o sentido da palavra igreja então? A palavra igreja utilizada no grego, idioma original em que se acredita que o texto foi escrito e onde se tem as cópias mais antigas, corresponde a mesma palavra hebraica que pode ser transliterada como *QEHLIA* que deriva da palavra *QAHAL* e que significa congregação, grupo, assembleia, multidão. Essa mesma palavra começa a ser utilizada desde o período dos patriarcas de Israel (Gn 28:3) onde foi traduzida na versão de Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995 (ARC, 1995), por multidão. Já a Bíblia de Jerusalém (2002) traduz a mesma palavra por assembleia.

“E Deus Todo-Poderoso te abençoe, e te faça frutificar, e te multiplique, para que sejas uma **multidão** de povos”. (Gn 28:3, ARC, 1995, grifo próprio)

“Que El Shaddai te abençoe, que ele te faça frutificar, e multiplicar, a fim de que te tornes uma **assembleia** de povos”. (Gn 28:3, Bíblia de jerusalém, 2002, grifo próprio)
A análise do texto massorético de Gênesis 28:3, no idioma original em que o texto foi escrito (hebraico), revela:

וְאֵל שָׁדַי יִבְרֹךَ אֶתְךَ וַיִּפְרֹחֶךَ וַיִּרְבֶּךَ וְהִיִּתְ לְקֹהֶל עָמִים:

(Texto massorético, Gn 28:3, grifo próprio).

Sabendo que o texto hebraico se lê da direita para a esquerda, há um grifo na penúltima palavra que destaca o termo *QAHAL* ratificando o argumento. Embora o

livro de Atos tenha, provavelmente, sido escrito no idioma grego, faz-se necessário a sua correlação com o idioma hebraico devido às inúmeras citações que os autores, do que foi chamado como novo testamento, fazem da Bíblia Hebraica. Outro ponto fundamental é que, mesmo escrevendo em grego, todos os autores tinham na sua mente uma cultura hebraica muito forte. É importante relembrar que a primeira tradução da Bíblia Hebraica foi para o idioma grego na versão chamada septuaginta e a palavra grega que utilizaram para traduzir a palavra *QAHAL/QEHILA* foi a palavra *EKKLESIA*, ou seja: a mesma utilizada no idioma grego que foi traduzida por igreja.

Tendo o contexto correto da palavra igreja, sabendo que a igreja existia muito antes do primeiro século do calendário gregoriano (a era comum) dentro do judaísmo, podemos nos aprofundar em alguns eventos dentre os quais podemos ver alguns gentios (não judeu) envolvidos na história.

4. OS GENTIOS E OS NAZARENOS

At 8:27,28 narra a história de um gentio, servo da rainha dos Etiópes, que foi adorar ao ETERNO, Deus dos judeus em Jerusalém.

[...] E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías (Atos 8:27,28, ARC, 1995).

Ao analisar o texto pode-se concluir que o eunuco provavelmente não seguia o Judaísmo, pois se seguisse o texto provavelmente o trataria como um judeu morando na Etiópia mesmo que ele fosse da origem dos gentios e tivesse se convertido ao Judaísmo. Desde a época de Moisés, o legislador de Israel, vários gentios faziam parte da grande comunidade (igreja) de Israel. Por isso o judaísmo não é, em essência, proselitista pois a Torá deixa claro que se pode servir ao Deus de Israel sem precisar ser Israel (Ex 12:38; Dt 14:21). Ratificando esta mesma ideia vem o evento de Cornélio em At 10.

O texto permite inferir que uma tradição judaica contemporânea à época desenvolveu uma leitura da Lei de Moisés que resultava em uma atitude de preconceito contra os gentios, pois parte dos judeus acreditava que os gentios eram impuros ou não poderiam ser tão amados pelo Deus de Israel como os judeus. O próprio Kefa tinha esse pensamento (At 10:34, Gl 2:12-14). O texto esclarece que não há distinção de pessoas. Isto não é exclusivo do cânon conhecido como novo testamento. Sempre foi assim.

Na história de Cornélio (At 10:1-48), Kefa tem uma visão sobre animais que a Torá os classifica como impuros (Lv 11) e recebe ordem para comê-los. O próprio Kefa ratifica a interpretação da visão em At 10:28, quando afirma que não pode chamar os gentios de impuros. Ele entendeu que os animais impuros da sua visão representavam a forma como a nova tradição judaica tratava os gentios, distanciando-se deles de tal forma a tratar-lhes como se fossem impuros. Essa nova tradição estava trazendo um novo judaísmo, diferente do judaísmo de Moisés que na sua forma mais pura tinha judeus e gentios morando no meio do povo, consequentemente fazendo parte da mesma igreja como vimos no capítulo anterior deste trabalho (capítulo 3).

Grandes nomes da bíblia hebraica que viviam no meio do povo de Israel e ocuparam posição de destaque e liderança eram gentios ou descendentes de gentios. Kalev, filho de um gentio (Nm 32:12) foi príncipe da tribo de Judá e um dos heróis na conquista da terra de Israel. Urias um gentio que fazia parte de um grupo de elite do exército do rei David (2 Sm 23:39). Nesse grupo de elite chamado de os 37 valentes de David haviam outros gentios. Oved Edom, do povo filisteu que vivia com os filhos de Israel e guardou a Arca da Aliança na sua casa. Esta Arca é um dos maiores símbolos do judaísmo (2 Sm 6:10). Itay, outro filisteu que vivia no meio do povo de Israel e recebeu função de comando no exército de David (2 Sm 15:19-22; 2 Sm 18:2). Esses são apenas alguns dentre vários outros gentios que viviam no meio do povo, fazendo parte dessa grande e antiga igreja dos filhos de Abraão, sem precisar se tornar judeu/israelita/hebreu sendo tratados com honras.

A fala de Kefa em At 10:28 é bastante interessante pois além de revelar a real interpretação da visão ainda revela o pensamento de Kefa acerca do preconceito que poderia existir sobre os gentios. Algumas correntes teológicas podem interpretar essa história como uma mudança na lei em que agora é permitido, ao judeu, comer todo o tipo de animal, consequentemente que Lv 11 teria sido anulado, mas a própria Bíblia

já interpreta a visão excluindo a interpretação de anulação de Lv 11 para os judeus. Segundo a Bíblia, judeus devem permanecer com as leis judaicas assim como gentios (não judeus) são incentivados a se manterem na Lei dos gentios que também foi dada por Deus e antecede a Lei judaica (Gn 1:28-30; Gn 9:9). Sobre esse tema o livro de Atos faz até, o que foi conhecido pela tradição, como um concílio para padronizar as ações sobre os gentios que começam a acreditar em Jesus como Messias e se aproximam da comunidade judaica. O próximo capítulo (capítulo 5) examina a convivência entre judeus e gentios, aprofundando a discussão sobre o tema.

5. AS DUAS ALIANÇAS

Como já foi possível ler nos capítulos anteriores, baseado na Torá e tradição rabínica, o judaísmo não é uma religião proselitista e neste capítulo será possível aprofundar o tema. A Torá, regra máxima do judaísmo, a partir do seu primeiro livro, *Bereshit* que foi nomeado em português por Gêneses, já afirma que a primeira aliança do ETERNO com o homem foi muito antes do Judaísmo. O primeiro homem registrado na Torá, Adão, com fonética original pronunciada como Adam (Gn 2:19), tem uma vivência com o ETERNO que vai sendo renovada e passada aos seus principais descendentes nomeados no texto.

O décimo descendente de Adam é o patriarca Noé, que nas escrituras em idioma original é chamado de Noach, e este tem a aliança de seu antepassado Adam renovada e ampliada, pois houve mais permissões acerca da alimentação dos homens e mais sinais estreitando os laços de relacionamento (Gn 9:3-6 e Gn 9:9-17). Com Adam as instruções sobre alimentação foram diferentes já que, segundo a literalidade do texto, a dieta carnívora não estava incluída. Como se pode ver em Gn 1:29. “[...] Eis que vos dou todas as plantas que nascem por toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes: esse será o vosso alimento!” (Gn 1:29, KJA, 2012). Devido a essa ampliação, a aliança com Noach é considerada o ápice da aliança do ETERNO com a humanidade, pois não há registros de outra aliança com toda a terra que incluam instruções novas depois de Noach.

Através do patriarca Abraão o ETERNO estabelece uma nova aliança que, embora reforce um pacto anterior, estabelece um escopo mais restrito, limitando-se apenas os descendentes de Abraão, conforme se observa no texto:

Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado. E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós. (Gn 17:10,11, ACF, 2011)

Essa aliança foi renovada com os patriarcas Isaque e Israel. Os filhos de Israel formam as tribos do povo que veio a se tornar uma nação e a aliança de Abraão tem seu ápice nos dias da entrega da Torá ao povo de Israel, pois foram renovadas as alianças anteriores e novas instruções foram dadas.

É importante mencionar que quando o ETERNO escolheu Abraão para formar um povo distinto entre os povos da terra e dar leis específicas a esse povo, povo de Israel, criando com eles uma aliança específica, não se anula a aliança com Noach. A partir de Abraão temos duas alianças registradas. A aliança com toda a humanidade, que continua inalterada a partir de Noach, e a aliança da circuncisão para os filhos do hebreu Abraão. Duas formas de se chegar ao ETERNO através de alianças firmadas por ELE mesmo. Gentios (não judeus) e judeus (Hebreus/Israelitas) servindo ao ETERNO.

Os livros que são tradicionalmente conhecidos, principalmente pelo cristianismo, como “velho testamento”, que podem ter recebido esse nome por uma interpretação de que existia um testamento (aliança) que se tornou obsoleto e foi dado um “novo” testamento (aliança) com novos termos substituindo o antigo, tem seu nome no idioma original pronunciado Tanakh, pois é um acrônimo dos nomes Torá (Lei, instrução), Neviim (profetas) e Ketuvim (escritos). O Tanakh representa a Bíblia Hebraica e em todos os registros que se encontram nele não é possível encontrar alguma parte em que haja qualquer incentivo ao proselitismo ao Judaísmo por parte do ETERNO. Existem três livros que foram escritos exclusivamente para gentios e neles não há nenhuma cobrança a mais da aliança que foi estabelecida em Noach. Os três livros são os dos profetas Jonas, Naum e Obadias, escritos para o povo de Nínive e de Edom e neles não há exigências de regras que são do Judaísmo como por exemplo a santificação do 7º dia semanal, a necessidade do sistema litúrgico de sacrifícios, a realização da circuncisão, etc. Ainda existem muitos outros trechos

escritos na Tanakh direcionados aos gentios e todos eles ratificam a aliança de Noach sem cobrar nenhum tipo de imposição ao judaísmo (Aliança do Sinai/ Aliança de Abraão). Com isso a Tanakh prova que existem duas formas de servir ao ETERNO Deus. Uma através da Aliança de Noach e outra através da Aliança de Abraão, a saber a Lei de Moisés. Gentios que moravam no território judaico precisavam seguir alguns princípios a mais devido às leis que regem o território judaico, como por exemplo o shabbat (sábado). No shabbat qualquer pessoa que estivesse em Israel não poderia trabalhar, isso abrangia até os animais (Ex 20:10). Aos gentios que estavam fora de Israel não é proibido trabalhar no sábado, pois a eles não foi dado esse mandamento. Regras sobre a colheita que envolviam o shabbat da terra conhecido na tradição judaica como shemita, que é o ano de descanso da terra (Lv 25:1-7), o Jubileu (Lv 25:10) etc são exemplos de Leis que abrangem não apenas o judeu em si mas também o território judaico. Fora do território judaico a Lei de Noach era o suficiente para um gentio ser considerado um religioso fiel ao ETERNO.

Isso permanece sendo ratificado por Jesus, que afirmou claramente não vir abolir a Lei ou os Profetas, mas cumprí-los (Mt 5:17). Ele falou isso quando poderia haver dúvida entre seu posicionamento em restaurar o Judaísmo de Moisés enquanto combatia as interpretações modernas de algumas correntes do Judaísmo que modernizaram a religião distanciando-a do seu princípio. Os apóstolos, discípulos de Jesus, seguem na mesma linha conforme registrado em At 15.

Alguns, porém, da seita dos fariseus que tinham crido se levantaram, dizendo que era mister circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés. Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto. [...] Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos perturbaram com palavras e transtornaram as vossas almas, dizendo que deveis circuncidar-vos e guardar a lei, (não lhes tendo nós dado mandamento), [...] Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação; das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá. Tendo-se eles então despedido, partiram para Antioquia e, ajuntando a multidão, entregaram a carta. (At 15:5,6,24,28-30, ARC, 1995)

Diante disso, é possível perceber que em toda a bíblia, em ambas as partes, como são chamadas por alguns de velho e novo testamento, o relacionamento do ETERNO para os homens permanece da mesma forma através de duas alianças. Judeus e gentios podendo servir ao ETERNO através de suas alianças, sem

necessidade de haver proselitismo religioso. A adesão ao judaísmo embora nunca foi incentivada sempre foi permitida quando os gentios queriam, de livre e espontânea vontade, aprofundar o seu serviço religioso fazendo-o da forma mais plena possível. Para isso convertiam-se ao judaísmo e tinham o mesmo direito de um judeu de nascimento (Ex 12:48). Isso não significa que antes da conversão ao judaísmo essa pessoa não servia ao ETERNO ou era de uma casta inferior. Apenas seguia as leis de Noach sendo muito menos exigido e tendo muito menos responsabilidades. Podiam morar em Israel e participar do serviço só não podiam fazer algumas coisas de alguns serviços religiosos que eram destinados apenas a pessoas de outras alianças. No capítulo 4 deste trabalho nominado “os gentios e os nazarenos” é possível ler vários gentios dentro do povo de Israel que exerciam posição de liderança sobre vários Israelitas. O próprio judeu não poderia fazer tudo do serviço religioso judaico, pois existem obras que são exclusivas do grande sacerdote, outras exclusivas dos filhos de Arão, outras exclusivas da tribo de Levi, etc. O serviço do ETERNO tem várias camadas e para acessar algumas delas, como regra, é preciso preencher algumas condições que nem todo judeu possuía. Isso não dividia a sociedade em castas inferiores e superiores, porém organizava as obrigações de cada um. Nesse contexto, Saulo de Tarso afirmou que isso é semelhante a um corpo e todas os seus membros são importantes e têm funções específicas, não podendo uma parte se achar superior ou inferior a outra já que todos devem trabalhar juntos e todos formam o grande todo (1Co 12:12-26).

6. OS CRISTÃOS

Alguns discípulos levaram a mensagem de Jesus para alguns dos gregos que estavam em Antioquia e estes começaram a se converter na crença em Jesus (At 11:20,21). O trecho evidencia uma verdadeira mudança de religião da parte dos gregos, pois estes tinham uma religião totalmente diferente do Judaísmo. Não esperavam Messias, provavelmente criam nos deuses da mitologia grega e precisaram abandonar tudo isso para seguir a Jesus. Faz-se necessário esclarecer

que apesar de haver uma mudança de religião da parte dos gregos, estes não se converteram ao Judaísmo, pois não fizeram circuncisão nem abraçaram toda a Aliança do Sinai trazida por Moisés, o legislador. Diante disso, surge a questão sobre a natureza da fé abraçada pelos gregos. A religião dos gentios que se baseavam no judaísmo é vista, dentro da tradição Judaica, como *Bnei Noach* que traduzido significa filhos de Noé (Noach). Isso, como visto no capítulo 5 desse trabalho nominado como “As duas alianças”, é uma referência à última aliança que o ETERNO fez com toda a humanidade através do patriarca Noach que está registrada em Gn 9:1-17. Os *Bnei Noach* foram antes do judaísmo e desde o início do ministério de Abraão, o primeiro Judeu/Israelita/Hebreu, tiveram contato e estiveram próximos. Os *Bnei Noach* podem ser definidos como gentios que servem ao ETERNO, Deus do patriarca Noach e consequentemente Deus dos judeus. Entre esses existem vários famosos na história Bíblica desde a antiguidade. Melquisedeque (Gn 14:18), o profeta Balaão (Nm 24:4) etc.

Após o maior clímax do Judaísmo, que ocorreu no Sinai, quando os israelitas (hebreus/judeus) saíram do Egito sob a liderança de Moisés e receberam a Lei, havia vários *Bnei Noach* morando no meio do povo de Israel, congregavam juntos, sem precisar seguir o judaísmo. Serviam ao ETERNO com fidelidade, mas não seguiam a circuncisão. A gloriosa Torá deixa claro que o ETERNO tinha servos entre os gentios, que eles não precisavam se converter ao judaísmo e que eles poderiam viver no meio do povo sem precisar se tornarem judeus. Na última e devastadora praga que ocorreu no Egito, o ETERNO deu instruções claras para os gentios, que habitavam no meio dos judeus, de como deveriam proceder. O que poderiam fazer e não fazer (Ex 12:49). Este ponto evidencia que o Judaísmo, apesar de não ser proselitista, acolhe a conversão de *Bnei Noach* que optam por uma adesão completa à sua aliança. Algo que não é obrigatório nem incentivado, mas que deve ser permitido se o gentio assim desejar.

No contexto de Antioquia havia gentios que congregavam com judeus. O serviço (a liturgia) era do Judaísmo, porém nem todos os membros eram judeus. nem todos os membros seguiam todos os mandamentos da mesma Lei. Gentios seguiam as Leis dos gentios e os judeus seguiam todas as demais, já que a Torá de Moisés contém a Lei dos gentios. Os gentios gregos que não pertenciam a religião dos *Bnei Noach* e não conheciam o contexto judaico resolveram nomear, em grego, aquilo que

já ocorria desde os dias de Moisés, judeus e gentios juntos fazendo o serviço judaico, e o nome que eles deram foi aquilo que foi traduzido por cristãos. Para eles aquilo poderia ser considerada uma nova religião porém, ao analisar os ensinamentos de Jesus e consequentemente a prática dos apóstolos, pode-se constatar que seus discípulos judeus permaneceram com as mesmas práticas da religião dos seus profetas e patriarcas e os gentios que congregavam com os judeus permaneciam com as mesmas práticas dos gentios que congregavam nos dias de Moisés, muito antes do nascimento de Jesus, o que consequentemente é muito anterior a qualquer religião criada, baseada no ministério de Jesus.

As gerações dos gentios que foram conhecidos como cristãos em Antioquia, no decorrer da história, se afastaram do judaísmo a tal ponto que foi necessário a criação de uma nova religião. Poucas bases restaram do serviço judaico que os *Bnei Noach*, chamados de cristãos (At 11:26), praticavam. O início desse distanciamento dos gentios, que eram discípulos de Jesus, o rabino de Nazaré, é um tema que pode ser aprofundado em outro trabalho devido às limitações de formatação deste. Será um tema bastante interessante para se estudar baseado na história.

A hipótese de que o termo 'cristãos' tenha sido originado entre os gentios gregos é sustentada por diversos fatores. O primeiro deles é que o termo cristo, do grego, significa o termo *Mashiach* no hebraico que é traduzido por Messias em português. Messias é o título dado a quem foi ungido e normalmente se refere ao grande messias, o redentor. Seria contraditório imaginar que um judeu descrente em Jesus o ratificaria como Messias chamando seus seguidores de algo que teria o sentido de "messiânicos" em hebraico, já que o termo cristãos e messiânicos são equivalentes do grego para o hebraico. Os judeus, principalmente os descrentes em Jesus, chamavam os seguidores desse de Nazarenos (At 24:5), pois eram alunos de Jesus, o nazareno. O termo "Nazarenos" em hebraico se pronuncia *Netsarim* e desde os dias de Jesus até os dias atuais, no moderno estado de Israel, tem o mesmo sentido: Seguidores do Nazareno. Nos dias atuais a grande maioria dos seguidores de Jesus são membros de uma religião distinta do judaísmo, como o termo não diferencia religião, mas seguidores de Jesus, pode ser entendido, em uma história mais recente, como cristãos, porém no princípio não foi assim. Apóstolos e demais seguidores judeus se viam como membros da religião judaica pertencentes ao grupo dos Nazarenos (seita) e esse era o entendimento de todo o Israel da época. Já os

gentios que congregavam entre os Nazarenos se viam com menos obrigações do que a Lei judaica (*Bnei Noach*) porém unidos e ligados à comunidade dos Nazarenos como nos dias da igreja de Moisés, conforme pode ser visto no capítulo 3 desse trabalho nominado como “A igreja dos nazarenos”.

7. A SEITA DOS NAZARENOS

O termo seita aparece, no livro de Atos, para os Saduceus (At 5:17), Fariseus (At 15:5; 26:5) e também para os Nazarenos (At 24:5,14; 28:22). No contexto do livro significa um subgrupo dentro de outro grupo maior, a saber: o Judaísmo. Embora existam vários argumentos, nos capítulos anteriores deste trabalho, que comprovam que os apóstolos e seus seguidores judeus permaneciam no judaísmo enquanto que os gentios que se chegavam a estes seguiam as mesmas obras dos gentios que conviviam com os judeus da época de Moisés, sendo conhecidos dentro do Judaísmo como *Bnei Noach*, e estavam unidos aos judeus em relação a crença, ainda pode parecer estranho a alguns leitores imaginar que os Nazarenos faziam parte do Judaísmo. Para aprofundar a discussão, é relevante examinar outras seitas do período, sobre as quais não há debate quanto à sua inclusão no escopo do Judaísmo.

Os Saduceus, do hebraico *Tseduqim*, eram membros da religião judaica que tinham algumas características filosóficas que os distinguiam de outros grupos do Judaísmo. Não criam nos livros dos profetas e escritos como verdade já que não acreditavam na ressurreição dos mortos (Dn 12:2), consequentemente ignoravam a tradição rabínica e tinham uma interpretação mais literal da Lei de Moisés. Já os Fariseus, do hebraico *Perushim*, interpretavam a Torá com mais profundidade crendo na ressurreição e encontrando harmonia entre a Lei e os profetas. Eram os detentores da tradição judaica que ficou conhecida posteriormente como Lei oral, ou como se diz em hebraico *Halakha*. Os fariseus criaram as sinagogas em Israel mesmo tendo a opção de ir ao templo. Isso os tornava mais próximo do povo judeu por tornar o ensino da Torá mais acessível. O principal objetivo da sinagoga, que em hebraico se diz *Beit knesset* sendo traduzida literalmente como casa de reunião, é o ensino da Torá e das

tradições judaicas, já que não se pode fazer o serviço judaico completo em outro lugar a não ser no Templo (Dt 12:11). Com a sinagoga veio o conceito de mestre, aquele que ensina chamado em hebraico de Rabi ou Rabino, e o conceito de se fazer discípulos. Jesus, o Nazareno, tinha todos os costumes farisaicos, pois além de interpretar a Torá como eles faziam ainda seguia a tradição rabínica de ir frequentemente à sinagoga (Lc 4:16), fazer discípulos, ser chamado de Rabino (Jo 4:31) etc. Isso já pode ajudar a desmistificar o conceito de que os Fariseus eram um grupo ruim, pois embora Jesus tivesse embate com alguns deles fazia parte do seu grupo. O grande Saulo de Tarso era Fariseu e entre os Nazarenos existiam vários deles (At 15:5).

Embora houvesse algumas diferenças entre Fariseus e Saduceus (At 23:8), algo maior os unia e os fazia pertencer a mesma religião. Esse elo que continua unindo todas as diferenças filosóficas dentro do judaísmo por mais de três milênios até os dias atuais é a gloriosa Torá, pois independente da profundidade de interpretação da Lei, todos que pertencem ao judaísmo têm ela como a regra máxima de fé e seguem todos os seus mandamentos. Entendendo esse contexto ficará simples entender que os Nazarenos era uma das seitas do judaísmo, ou seja, uma das ordens ou partidos dentro do judaísmo assim como os Saduceus e Fariseus. A crença dos Nazarenos é idêntica a dos Fariseus em relação às escrituras, cultura sinagogal e ressurreição dos mortos, tendo como única diferença entre eles a crença de suas lideranças sobre a divergência em relação a pessoa de Jesus, o Nazareno. Os judeus crentes em Jesus receberam o nome de Nazarenos devido a crença de que este é o Messias prometido nas escrituras. Apenas essa crença não o faziam ser de uma religião fora do judaísmo pois a Torá ainda os unia como parte da mesma fé, assim como unia todas as outras seitas judaicas. Por serem parte do judaísmo poderiam ser julgados pelo judaísmo e exortados pelo judaísmo. Por isso Saulo, com zelo pela religião judaica, recebeu autorização para julgá-los, como narra o texto: “E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens, quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém” (Atos 9:2, ARC, 1995).

O próprio Saulo foi convencido de que Jesus era o Messias e apenas por essa crença foi incluído no partido dos Nazarenos, segundo o registro de At 24:5. “Temos achado que este homem é uma peste e promotor de sedições entre todos os judeus,

por todo o mundo, e o principal defensor da seita dos nazarenos" (Atos 24:5, ARC, 1995).

Saulo se via como membro do partido dos Nazarenos e que este fazia parte da religião judaica, tendo plena convicção da harmonia entre todas as crenças dos Nazarenos e o Judaísmo. Baseado nesse pensamento Saulo disse:

"Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas" (Atos 24:14, ARC, 1995). Ao falar sobre servir ao Deus dos patriarcas, Saulo ratificou a ideia de que permanecia fiel a religião dos seus antepassados e ainda fundamentou a sua crença na Tanakh, porém uma coisa deve ser esclarecida. Saulo era um dos inimigos dos Nazarenos e no caminho da sua perseguição, em Damasco, teve um encontro com o próprio Jesus. Esse encontro mudou algo em sua filosofia que pode ser chamado de conversão. O próximo capítulo deste trabalho se dedicará a uma reflexão aprofundada sobre o tema.

8. SAULO DE TARSO

Tendo em vista a contextualização dos gentios e a compreensão da seita dos Nazarenos no judaísmo, este trabalho passará a analisar a história de Saulo de Tarso no livro de Atos. A conversão de Saulo, registrada em Atos 9:5, exige uma contextualização precisa. A questão central é se esse evento representa uma mudança completa de religião ou uma alteração em seus pontos de vista.

Saulo de Tarso era um judeu zeloso da Torá. Foi discípulo de um dos maiores rabinos da época conhecido como Gamaliel (At 22:3). Conhecia profundamente toda a doutrina judaica (Torá, profetas, tradições etc.). Saulo acreditava que Jesus, o Nazareno, não era o messias prometido na Torá e ratificado nos profetas, consequentemente achava que a história de que ele havia ressuscitado ao terceiro dia era falsa, porém Saulo via que o número de judeus que acreditava no Nazareno começava a crescer exponencialmente, então ele começou a ajudar os principais dos líderes do judaísmo a combater aquilo que ele acreditava ser fruto de uma grande

mentira que poderia confundir judeus zelosos. Então Saulo começou a combater e perseguir os discípulos do Nazareno (Jesus). Ele estava andando pelo caminho de Damasco para cumprir a sua missão de combater os Nazarenos quando o próprio Jesus o aborda no caminho perguntando o motivo de sua perseguição o que fez Saulo perceber que estava enganado sobre o caminho dos Nazarenos (At 9:3-6). Saulo conseguiu perceber que verdadeiramente Jesus havia ressuscitado e isso era uma prova irrefutável de que ele era verdadeiramente o que seus discípulos afirmavam sobre ele, a saber: o Messias prometido na religião Judaica. Saulo solicita instruções a Jesus de como proceder a partir dali, então Jesus o manda ir para a cidade e esperar instruções. Na cidade, Saulo continua fazendo o que aprendeu no Judaísmo: orar. Depois disso, o texto relata que Ananias, um dos Judeus Nazarenos, foi até Saulo orar para que ele recuperasse a visão que foi perdida próximo do encontro com Jesus no caminho de Damasco. Após isso, Saulo foi batizado e se juntou ao grupo dos Nazarenos (At 9:18,19). Observem que Saulo não precisou aprender nenhuma doutrina, ou dogma, ou ao menos algo novo que remete a uma nova religião e que fosse necessário aprender para quem estava fora e precisava conhecer. Nem Saulo pediu esse aprendizado nem alguém entre os Nazarenos o ofereceu. Isso porque os nazarenos não seguiam uma religião diferente do judaísmo. Viviam o judaísmo crendo que o Messias prometido era Jesus que havia morrido e ressuscitado após três dias. Saulo era mestre no judaísmo e conheceu Jesus no caminho para Damasco. O que Saulo precisava aprender? O texto fala que em poucos dias Saulo já estava ensinando nas sinagogas sobre Jesus de Nazaré, ou seja: afirmando que ele era o messias prometido e provando que de fato era assim (At 9:20). Para isso usava todo o conhecimento que ele já tinha sobre judaísmo.

O que foi a conversão de Saulo então? Apenas uma mudança de direção a respeito da pessoa de Jesus. Antes Jesus era alguém que diziam que era o Messias e que havia ressuscitado, mas ele achava que essa história era uma mentira, quando de repente ele mesmo se transforma em uma das testemunhas que consegue ver Jesus ressurreto. A partir desse momento ele muda de direção, há uma conversão. Alguém que era inimigo de Jesus começa a ser um dos seus discípulos. Alguém que perseguia os seguidores de Jesus (Nazarenos) se junta a eles e começa a ser perseguido por causa de Jesus. A partir disso, conclui-se que o termo conversão, no caso de Saulo de Tarso, tem o sentido apenas de mudança em relação a identidade

e função de Jesus, pois Saulo permanecia seguindo ao Judaísmo da mesma forma, mas agora afirmava que Jesus era o Messias prometido. Saulo fazia isso nos serviços do Judaísmo enquanto praticava a religião dos profetas, dentro das sinagogas (At 9:22).

Saulo começou a ser perseguido por causa da sua crença em Jesus como Messias e logo precisou fugir da cidade onde estava e foi para Jerusalém se encontrar com os demais discípulos e apóstolos. Ao chegar teve um pouco de dificuldades em se aproximar devido a sua fama anterior de inimigo dos Nazarenos, porém alguns destes relataram que Saulo agora pertencia ao grupo e defendeu Jesus como o Messias prometido na Lei e nos profetas. Então começou a andar com os apóstolos em Jerusalém. Devido a perseguição contra Saulo ele precisou fugir de Jerusalém para a cidade do seu nascimento. Mantendo assim a paz nas comunidades de Nazarenos que existiam na Judeia, Galileia e Samaria (At 9:31).

Após se refugiar em Tarso, Saulo foi convidado por Barnabé para irem ensinar na cidade de Antioquia (At 11:25,26) onde já havia uma comunidade Judaica com alguns discípulos de Jesus, pois devido a perseguição que ocorreu na Judeia nos dias de Estêvão, foram para fora do território judaico anunciando que o Messias já tinha chegado, porém fez isso apenas aos que faziam parte da religião Judaica (At 11:19). Esse trecho de ser convidado para ensinar as comunidades dos Nazarenos revela que Saulo acabou de entrar no grupo dos discípulos de Jesus, mas não como alguém que aceita uma nova religião pois Saulo já chegou como um dos mestres. Seria possível consagrar alguém que acaba de chegar em uma religião como mestre excedendo e ensinando aos fiéis que já estava nessa religião a mais tempo? Isso só foi possível porque não houve uma mudança de religião. Ainda estamos falando única e exclusivamente da religião Judaica.

Saulo permaneceu na comunidade judaica dos Nazarenos em Antioquia por um ano (At 11:26) e depois começou a viajar pelo mundo, entre as comunidades Judaicas para ensinar, nas sinagogas, que o Messias prometido na Torá e nos Profetas já havia chegado e esse era Jesus de Nazaré (At 13:5). At 13:14 relata Saulo em uma dessas sinagogas que ainda não criam em Jesus como messias. O texto relata que Saulo foi participar do serviço judaico e quando foi perguntado aos judeus se alguém queria falar algo relativo ao serviço, Saulo aproveitou a oportunidade e pediu a palavra. O discurso de Saulo demonstra algo que é pouco observado em

grande parte da teologia, porém defendido a todo momento nesse resumido trabalho acadêmico: Saulo não fala nada diferente da religião judaica ao ensinar sobre Jesus, muito pelo contrário. Saulo tenta demonstrar que Jesus é o que o Judaísmo aponta e ensina, que Jesus é o cumprimento das profecias messiânicas e o requisito fundamental para uma nova era descrita no judaísmo, a saber: a ressurreição dos mortos e o estabelecimento do reino de Deus entre os homens sendo o Messias o principal governante e o principal instrumento para que tudo isso pudesse ocorrer (At 13:38,39). O texto continua relatando que muitos membros daquela sinagoga, judeus e gentios, demonstraram grande interesse pelo ensino de Saulo e solicitaram que continuasse o ensinamento no próximo serviço (At 13:42-44). Seria muito contraditório se Saulo estivesse ensinando uma doutrina diferente e provavelmente contrária ao Judaísmo e mesmo assim ainda tivesse tanta aceitação como se demonstra no texto. Após explanar toda a ideia, houve aqueles que não creram e se opuseram ao ensinamento de Saulo, porém o motivo da oposição não era por ser uma religião diferente ou por estar contrário ao Judaísmo. Alguns judeus se opuseram a Saulo apenas por inveja (At 13:45) e por causa desse sentimento influenciaram autoridades para que Saulo fosse expulso dali.

Ao serem expulsos daquela região partiram para outra sinagoga e continuaram a fazer sua missão. Ensinar Judaísmo nas sinagogas afirmado que a profecia sobre o Messias acabou de ser cumprida na pessoa de Jesus de Nazaré (At 14:1). Essa era a prática comum de Saulo e demais Apóstolos segundo registrado no livro de Atos. Nesses ensinos nas sinagogas muitos judeus começaram a crer que o Messias era Jesus de Nazaré e junto a eles muitos gentios também começaram a abraçar essa fé. Isso também serve para comprovar que mesmo entre sinagogas que ainda não criam que Jesus era o messias de Israel havia gentios (*Bnei Noach*) e judeus juntos servindo ao Deus de Israel como foi demonstrado nos capítulos anteriores deste trabalho. Com esse aumento da crença em Jesus dentro de uma sinagoga que antes o rejeitava como Messias é natural que se começasse a haver disputas com os judeus que não se convenciam acerca da pessoa de Jesus sobre o cumprimento das profecias messiânicas e as discussões acerca desse tema eram inevitáveis, mas nunca se pode imaginar que o que ocorria era o surgimento de uma nova religião e sim a continuação do Judaísmo.

Outra evidência de que os apóstolos viviam plenamente o Judaísmo está em At 16:3, quando Saulo circuncida um de seus discípulos chamado Timóteo, cumprindo literalmente o que diz a Torá sobre a conversão ao Judaísmo. Uma das perguntas que pode ser feita sobre esse fato é o motivo de Saulo, em outras partes da Bíblia, sempre fazer vários comentários sobre a não necessidade de circuncidar gentios, ou seja: sobre não ser necessário a conversão dos gentios ao judaísmo podendo viver plenamente servindo a Deus como *Bnei Noach*. As possibilidades de resposta para essa pergunta pode ser tema para uma outra escrita. A única religião que praticava a circuncisão como forma religiosa naquela época e contexto era o Judaísmo (Gn 17:10) e isso nos fornece mais uma prova de que os apóstolos permaneciam firmes no judaísmo, sempre indo à sinagoga, segundo o seu costume (At 17:1-3) e dentro da sinagoga muitos judeus reconheciam que Jesus era o Messias examinando a Bíblia hebraica (At 17:11, At 18:4).

Em At 18:18 está registrado que Saulo raspou a cabeça por causa de um voto. Há fortes indícios de que este seja o voto que está registrado na Torá como o voto de um *Nazir*. Em algumas bíblias pode ser traduzido como voto de nazireado ou de nazireu (Nm 6). Embora nesse verso não exista tantos detalhes acerca desse voto de Saulo, em At 21:20-25 se pode ver, sem sombra de dúvida, o voto de *Nazir* sendo vivenciado pela igreja (comunidade) dos Apóstolos. Saulo, depois das suas viagens missionárias onde foi anunciar aos judeus e gentios que o Messias do Judaísmo já havia chegado, voltou para a cidade santa da sua religião (Jerusalém) para se reunir com os demais Apóstolos. Estando com os Apóstolos foi tomado uma decisão a fim de provar a inocência de Saulo sobre uma estória que havia sido inventada contra ele. A mentira que inventaram contra Saulo é uma das correntes teológicas mais predominante entre a religião Cristã: Saulo abandonou o judaísmo e estava incentivando os judeus a seguirem a mesma opção do que ele. O texto afirma que inventaram uma estória em que Saulo estava proferindo ensinamentos contra a Torá, afirmado que os mandamentos da Torá não precisavam mais ser seguidos e coisas do tipo (At 21:21). Os próprios seguidores de Jesus que habitavam em Jerusalém não tolerariam esse tipo de situação se fosse verdade e iriam tratar Saulo como um grande inimigo do reino de Deus. Os Apóstolos já sabiam que se tratava de uma grande mentira inventada contra Saulo para o prejudicar de alguma forma, então resolveram rapidamente como poderiam derrubar essa calúnia de uma vez por todas.

Havia na comunidade dos apóstolos, naquele momento, quatro jovens que fizeram o voto de *Nazir*. Pode-se ter certeza dessa afirmação porque o voto de *Nazir* é o único voto da Torá em que se raspa a cabeça. Os apóstolos acreditaram que se Saulo fosse com esses quatro jovens, que eram judeus zelosos do Judaísmo e crentes em Jesus, pagando por eles os gastos para que fizessem todo o rito no templo judaico, a calúnia seria totalmente desfeita e todos veriam que os Nazarenos são Judeus zelosos e que o próprio Saulo estava pagando o serviço litúrgico ratificando o judaísmo (At 21:24). A análise do rito do voto de *Nazir* revela a exigência de diversos sacrifícios que devem ser oferecidos dentro desse voto, sacrifício inclusive para perdão de pecados (Nm 6:11,12,14,16,21). É pertinente considerar que a recepção desse fato contrasta com a visão tradicionalmente sustentada pela religião Cristã. Os apóstolos, depois do sacrifício de Jesus, permaneceram zelosos dentro do Judaísmo e continuaram a fazer o mesmo rito que se fazia desde os dias de Moisés, oferecendo sacrifício no Templo Judaico voluntariamente inclusive sacrifício para perdão de pecados. Essa perspectiva pode parecer impensável para alguém da religião Cristã, mas é crucial reconhecer que os apóstolos não fundaram ou seguiram o Cristianismo, permaneciam fieis à religião dos patriarcas, tudo o que está escrito sobre os Apóstolos fica perfeitamente lógico e entra em harmonia com os ensinamentos de Jesus e, consequentemente, com toda a Bíblia.

Mesmo Saulo estando no Templo de Jerusalém fazendo o rito judaico, seus inimigos incitaram os outros Judeus contra ele, caluniando-o (At 21:27-30) e causaram grande alvoroço a ponto de Saulo ser linchado e preso. Enquanto estava preso, ele se defendia afirmado as mesmas coisas que sempre afirmou nas suas pregações. Permanecia no judaísmo (At 26:22,23), nenhuma transgressão tinha cometido contra a Torá e que o único motivo de divergência que se tinha na sua pregação era que passou a crer firmemente que Jesus havia sido ressurreto por Deus (At 23:6, At 25:19) e ter vencido a morte era uma das provas que legitimam Jesus, nos ensinamentos de Saulo, como o messias prometido no judaísmo (At 26:6,7). Após 2 anos do evento da sua prisão (At 24:27) Saulo continua afirmado que não pecou nem contra a Lei nem contra Roma (At 25:8) e nenhum dos seus acusadores conseguiram provar o contrário (At 28:17-19).

Poucos dias após chegar em Roma, Saulo solicita reunião com os líderes da comunidade judaica, seguindo sempre o mesmo padrão que fez durante tudo o que

foi registrado no livro de Atos, e fala sobre aquele que ele acredita ser o Messias profetizado o qual é o motivo da sua perseguição pelos judeus. Após as explicações de Saulo alguns deles creram (At 28:20-24). O texto relata que Saulo ficou mais 2 anos em Roma sendo escoltado por um soldado e o livro de Atos termina com esse relato. Muito mais sobre Saulo se pode escrever, porém é muito provável que o pouco que aqui foi escrito já possa demonstrar a religião que ele viveu até o fim da sua vida e a essência da sua pregação.

9. METODOLOGIA

Esse trabalho utilizou uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e utilizou como método norteador a pesquisa bibliográfica que utilizou Bíblias de diferentes traduções, para que se pudesse compreender a interpretação dos tradutores, dicionários das línguas originais em que o texto foi escrito, livros teológicos e sites voltados a hermenêutica bíblica e também livros que aludem a interpretação textual.

As traduções de Bíblias escolhidas foram baseadas na maior quantidade possível onde existiu diversidade nos textos analisados que foi possível pesquisar no espaço de tempo desse trabalho. Os dicionários utilizados foram o que estavam ao alcance. Livros e sites teológicos foram escolhidos baseados na intenção dos autores destes de trazer o contexto original em que os textos Bíblicos foram escritos, pois esse foi o objetivo geral de todo o trabalho. Os livros, que trabalham como deve ocorrer uma adequada interpretação de texto, utilizados foram o que estavam ao alcance, com maior facilidade do autor, no intervalo de tempo que esse trabalho foi construído.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ler todo o livro de Atos dos Apóstolos, e observar as ações dos seguidores de Jesus, conclui-se que, ao menos quando a história narrada neste livro estava sendo vivida, não foi estabelecida uma nova religião que saiu do Judaísmo. Todas as obras registradas no livro de Atos comprovam que a religião permanecia a mesma. Os embates filosóficos que aconteciam entre os Nazarenos e demais partidos do Judaísmo estavam centrados na estrutura da religião Judaica, a saber: discussões a respeito do Messias prometido dessa religião. Nada acerca das profecias Judaicas foram alteradas pelos Apóstolos nem nada das suas obras foram mudadas. Não houve nenhum ensinamento que pudesse ser considerado inédito, muito menos algum ensino ou doutrina que seja considerado contrário a religião Judaica. O próprio termo “Cristão”, que pode ser considerado um neologismo da época criado pelos gregos (At 11:26), não tem o sentido novo em sua essência pois desde os dias de Moisés existiam Gentios que viviam próximo do Judaísmo tendo as mesmas regras do que foi decidido pelos apóstolos em At 15:19-21. O termo Nazarenos indicando um novo partido judaico nominado para seguidores de Jesus e consequentemente o ensino divulgando a pessoa de Jesus não é considerado novo na sua essência, pois todo o Judaísmo profetizou sobre o Messias e sobre a sua liderança e influência para o povo de Israel e as demais nações. Esse evento é parte da religião Judaica e não existe nada registrado nas escrituras, tendo como foco maior no livro de Atos, que, se for compreendido e interpretado no seu contexto original, leve a crer que houve uma ruptura com o Judaísmo ou qualquer outra coisa que dê a entender que surgiu uma nova religião, pois como disse Adler e Van Doren, 2010, “Você deve localizar as palavras importantes do livro e descobrir como o autor as utiliza” (Adler e van Doren 2010, p. 113). Dessa forma, se quisermos ter uma interpretação possível, não devemos levar em consideração opiniões ou interpretações sobre o texto que não estejam alinhadas com a intenção do autor da obra.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. **Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente.** Tradução de Edward h Wolff e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010.

BÍBLIA. **Bíblia Jovem.** Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002

BÍBLIA. **Bíblia King James Atualizada.** Tradução: Comitê Internacional de Tradução King James para a língua portuguesa. São Paulo: Sociedade Bíblica Íbero-Americana & Abba Press, 2012.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Almeida Corrigida e Fiel.** 2011 Tradução em português. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf>>. Acesso em: 06 Ago. 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada.** 1993 Tradução em português. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/ara>>. Acesso em: 06 Ago. 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Corrigida.** 2009 Tradução em português. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/arc>>. Acesso em: 06 Ago. 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Nova Almeida Atualizada.** 2017 Tradução em português. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/naa>>. Acesso em: 06 Ago. 2025.

BÍBLIA. **Modern Hebrew Bible.** Tradução em hebraico. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/hebm>>. Acesso em: 06 Ago. 2025.

CERQUEIRA, José Edivaldo Araújo. **O antídoto para o veneno da serpente.** Disponível em: <<https://www.moreshetyeshua.org.br/o-antidoto-para-o-veneno-da-serpente/>>. Acesso em: 06 ago. 2025

CERQUEIRA, José Edivaldo Araújo. **Objeções Cristãs ao Judaísmo Messiânico.** Disponível em: <<https://www.moreshetyeshua.org.br/temas-e-doutrinas-judaico-messianicos-parte-1/>> . Acesso em: 06 ago. 2025

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3.Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

HATZAMRI, Abraham; MORE-HATZAMRI, Shoshana. **Dicionário hebraico-português português-hebraico**. 2.Ed. São Paulo-SP: Sêfer, 1995.

KELLEY, Page H., **Hebraico bíblico, uma gramática introdutória**. 9.Ed. São Leopoldo RS: Sinodal, 2013

MELAMED, Meir Matzliah. **Torá, A Lei de Moisés**. São Paulo-SP: Sêfer, 2001.

MONTEIRO, Samuel. **Bíblia Hebraica Transliterada**. Texto massorético. Disponível em:
<<https://hebraico.pro.br/r/bibliainterlinear/texto.asp?g=1%2C2&gb=1e2%2C2&s=GENESIS&p=1&sa=s>>. Acesso em: 06 ago. 2025

MONTEIRO, Samuel. **Dicionário hebraico-português português-hebraico**. Disponível em: <https://hebraico.pro.br/r/menus/menu_dicionario.asp>. Acesso em: 06 ago. 2025

RODRIGUES DE LIMA, Neldjan Farias. **HaShabbat - O sábado**. Disponível em:<<https://senhoresdalei.webnode.page/news/ha-shabat-o-sabado/>>. Acesso em: 06 ago. 2025

RODRIGUES DE LIMA, Neldjan Farias. **As tábua do testemunho**. Disponível em:<<https://senhoresdalei.webnode.page/news/as-tabuas-do-testemunho/>>. Acesso em: 06 ago. 2025

SCHMIDT, Lawrenc K; tradução de Fábio Ribeiro. **Hermenêutica**. Petrópolis-RJ: Vozes 2012. (Série Pensamento Moderno)